

## Libertação pela arte?

Roberto Conduru



A litografia *Marche aux nègres* (Mercado de negros), produzida por **Johann Moritz Rugendas** (Augsburg, 1808 – Weilheim, 1858) em torno de 1835, permite ver e pensar algumas questões da condição social dos africanos e afro-descendentes que foram escravizados no Brasil. A obra expõe com luz branda, sem dramaticidade, uma cena do terrível cotidiano da servidão: humanos tratados como coisas, exibidos e postos a venda como mercadorias por outros humanos. Embora tenha como pano de fundo uma paisagem plácida e esteja situada em um espaço arquitetônico equilibrado, harmonioso, a situação não poderia ser mais abjeta. Sob a égide da igreja católica – uma cruz no topo de uma torre sineira ao longe, uma escultura da Virgem Maria com o menino Jesus sobre o arco de entrada do recinto avarandado – a escravidão segue tranquilamente o seu curso.

Enquanto comerciante e freguês discutem um possível negócio, os cativos têm comportamentos variados. Em torno de um fogareiro estão reunidas as mulheres, provavelmente trocando experiências desde quando viviam em regiões diversas, com suas culturas particulares, e foram capturadas, separadas de seus familiares, misturadas a pessoas de outras sociedades, vendidas e trazidas ao Brasil, para serem novamente comercializadas, separadas e misturadas de acordo com as vontades de seus proprietários. Alguns homens estão sentados ou deitados sobre esteiras, aparentemente cordatos, à mercê do destino.

Três estão de pé e conversam com uma vendedora de quitutes, também negra, possivelmente uma escrava ao ganho, ou já alforriada – trocam, provavelmente, experiências do árduo viver nos dois lados do Atlântico. Outro, ainda, até parece se entregar à contemplação, debruçado sobre a mureta, observando a paisagem bucólica ou a vida urbana do porto que o casario e a caravela sugerem, embora também possa estar planejando uma fuga, a conquista da liberdade, o retorno à África. Nesse conjunto, se destaca o negro que desenha sobre a parede, alheio ao que acontece a sua volta, enquanto alguns o observam, inclusive um provável comprador.

A imagem indica um feito excepcional: sem maiores cerceamentos, um escravo representa à luz do dia; um cativo se vale das artes plásticas como meio de auto-representação.

A situação não é de todo verossímil. Primeiro, porque os desenhos no muro não condizem com os modos de representar das culturas de onde provieram os africanos trazidos como escravos ao Brasil. Além disso, a representação dos africanos e afro-descendentes era restrita: em geral, os negros se representavam ou por meio dos códigos europeus, infiltrando seu imaginário e suas imagens em cenas da religião católica, ou por meio de imagens utilizadas nas religiões de matrizes africanas, que praticavam mais ou menos às escondidas. A representação de suas vidas cotidianas na América dependeu de mãos e olhos alheios, esteve sob o controle de europeus como Carlos Julião, Jean Baptiste Debret, Rugendas, Thomas Ender e outros, muitos outros, durante a escravidão, depois e, a rigor, até hoje, quando esse tipo de iconografia – cenas da vida exótica nos trópicos – ainda é produzida e consumida mundo afora. Mas podemos pensar se Rugendas não pretendeu ir além do retrato da situação imediatamente visível, ultrapassando a realidade, para representar o que viu e sentiu. Com sua gravura ele estaria nos dizendo: apesar da situação abominável, de todas as limitações e dores, os africanos e afro-descendentes escravizados souberam resistir e preservar sua cultura artística – não só a criação, mas também a fruição estética, suas práticas e saberes, a humanidade. O que evidencia como, na arte, a imagem transita entre a realidade e a ficção, entre a verdade, o verossímil e até, quem sabe, a mentira.

**sobre o(a) autor(a):**

*Roberto Conduru é historiador da arte, professor no ProPEd e no PPGARTES, na UERJ*